

DOI: <http://dx.doi.org/10.12660/gvcasosv11n1c4>

FOI CULPA DA SAIA CURTA? O PAPEL DO RH PARA INTERVIR E PREVENIR O ASSÉDIO SEXUAL NO TRABALHO

Was it the short skirt's fault? The role of Human Resources in intervening and preventing sexual harassment at work

LEONARDO BORGES DA COSTA – leonardoborgesdacosta@gmail.com

Universidade do Vale do Itajaí – Itajaí, SC, Brasil

PÂMELLA WAGNER LEZAN – pam_lezan@hotmail.com

Universidade do Vale do Itajaí – Itajaí, SC, Brasil

Submissão: 10/09/2020 | Aprovação: 13/01/2021

Resumo

Beatriz consegue o emprego dos sonhos, profissional competente e focada na empresa. De repente, tudo vai por água abaixo. Sofrendo forte assédio do seu superior direto, Beatriz entra em um dilema de como deve agir, começa a construir cenários de como uma possível denúncia para a gerente de RH pode prejudicá-la no seu futuro na empresa. E a gerente de RH, Priscila, pode ajudar Beatriz preservando a boa convivência da empresa, ou será que ela deve tomar atitudes para preservar a vítima sem pensar nas consequências?

Palavras-chave: Assédio no trabalho, recursos humanos, saúde psicológica.

Abstract

Beatriz gets the dream job, a competent professional and focused on the company. Suddenly, everything goes down. Suffering strong harassment from her direct superior, Beatriz enters a dilemma on how to act, starts to build scenarios of how a possible complaint to the HR manager can harm her in her future in the company. And the human resources manager, Priscila, can help Beatriz by preserving the good coexistence of the company, or should she take steps to preserve the victim without thinking about the consequences?

Keywords: Workplace harassment, human resources, psychological health.

Introdução

Priscila é gerente de Recursos Humanos (RH) de um grande jornal em São Paulo. Há pouco tempo, foi promovida ao cargo de gerência, após a saída da sua então coordenadora. Apesar de atuar na área de RH há sete anos, pela primeira vez ela é responsável por um departamento, e ainda está aprendendo a trabalhar na nova função. Foi por meio do jornal que a vida de Priscila cruzou-se com a de Beatriz, mais nova funcionária da empresa. Priscila foi responsável pelo processo de recrutamento da vaga de redator, à qual Beatriz foi selecionada. Aos 25 anos, graduada em Jornalismo, Beatriz sempre sonhou em trabalhar em um grande jornal da capital paulista, e finalmente conquistava sua grande oportunidade na carreira. A contratação de Beatriz foi feita em conjunto com Matheus, redator-chefe do jornal, ao qual Beatriz seria subordinada. Um homem muito simpático, com experiência de 15 anos no Jornalismo, uma verdadeira inspiração aos jovens talentos da empresa. Matheus começou de baixo, como *office boy*, depois também teve sua oportunidade no jornal e foi conquistando seu espaço, até se tornar redator-chefe do departamento.

Seis meses haviam se passado desde que Beatriz começou a trabalhar na empresa. Um dia, Beatriz foi até a copa para pegar um café e, assim que Matheus a viu indo naquela direção, ele a



segiu. Beatriz estava de costas quando Matheus a abraçou de surpresa. Imediatamente, a funcionária começou a chorar e ficou muito ofegante, como se estivesse tendo uma crise de pânico. Alguns colegas perceberam a movimentação e foram até a copa para ajudá-la, enquanto Matheus disse que já encontrou a redatora passando mal quando chegou. Assim que se recuperou, Priscila chamou a redatora para conversar e entender o que havia acontecido ou como a empresa poderia ajudá-la. A gerente mencionou que já havia percebido que Beatriz não tinha mais a mesma alegria de quando começou a trabalhar ali, e o mesmo pensavam seus colegas. Foi quando Beatriz tomou coragem de contar que o emprego dos sonhos tinha se tornado um pesadelo havia alguns meses. Há tempos, ela vinha sofrendo com o abuso de poder que seu chefe, quem ela um dia admirou, estava exercendo sobre ela. Após diversas tentativas de aproximação, convites, cantadas e até ameaças, Beatriz estava se sentindo exausta e profundamente abalada, e pedia desesperadamente por ajuda.

Priscila não esperava por uma declaração como essa. Ela já imaginava que Beatriz não estava se sentindo bem, mas pensava que seria algum problema pessoal, familiar, mas nunca um caso de assédio dentro da empresa, e ainda mais sendo Matheus o assediador. Era a primeira vez que ela se via em uma situação desse tipo. Como deveria agir? Como reportar o ocorrido aos superiores? Como controlar o escândalo dentro e fora da empresa? O que seria feito com Beatriz e Matheus?

Antecedentes

O processo de recrutamento para a vaga de redator foi bastante longo e exaustivo, havia mais 100 candidatos disputando a vaga, que era uma excelente oportunidade de aprendizado e crescimento, em uma empresa tão renomada e com os melhores benefícios que o mercado fornecia. Priscila estava extremamente focada, pois era a primeira contratação que fazia como gerente do departamento e assumiria total responsabilidade sobre isso. Quando encontrou alguém que se encaixa no perfil que procuravam, Priscila encaminhou Beatriz para uma conversa com Matheus, pois o redator-chefe deveria aprovar a contratação. Foi nessa etapa das entrevistas que Beatriz conheceu seu futuro chefe, Matheus, e, após uma longa conversa, passou a admirá-lo por sua história de vida. Matheus também ficou admirado com as qualidades da candidata e aprovou imediatamente que Priscila efetuasse a contratação.

Após passar o período de experiência de Beatriz, Priscila foi buscar informações sobre como estava indo o trabalho da funcionária e também ter um *feedback* de como a redatora estava se sentindo. Beatriz disse que estava cada vez mais contente com seu serviço e com as oportunidades de crescimento que conseguia visualizar. Priscila ficou muito satisfeita com as informações, já que também percebia que Beatriz estava se dando muito bem com a equipe e seus chefes estavam extremamente contentes com o seu trabalho.

Algum tempo se passou desde essa conversa com a redatora, e Priscila começou a perceber uma mudança de comportamento em Beatriz. A redatora estava mais retraída e não agia como antes. Aquela menina dos primeiros meses, alegre, descontraída, extrovertida, foi substituída por uma pessoa de aparência triste, introvertida. A gerente de RH perguntou algumas vezes se a redatora estava se sentindo bem, mas não queria ser muito invasiva, na medida em que a funcionária sempre respondia que estava bem. Priscila chegou a questionar a alguns colegas mais próximos de Beatriz se eles tinham conhecimento de algo que estava acontecendo, mas eles tampouco sabiam.

O pesadelo continua...

No dia do incidente entre Beatriz e Matheus na copa do jornal, Beatriz pareceu perceber o quanto aquilo estava lhe fazendo mal. Enquanto Priscila conversava com a redatora, a funcionária se mantinha paralisada, sem reação. Era nítido que algo mais sério acontecia com ela, então a gerente de RH tentou acalmá-la e disse para si mesma que dessa vez ela não aceitaria o silêncio de Beatriz, mas descobriria o que estava acontecendo de uma vez por todas. As duas passariam a tarde toda

daquele dia dentro da sala, mesmo que não falassem nada por horas. No fim do dia, Beatriz finalmente resolveu contar o que vinha sofrendo havia meses.

Tudo começou em um dia após o expediente, quando alguns colegas de trabalho decidiram ir para um *happy hour*. Todos se divertiram muito e consumiram uma quantidade razoável de álcool. Quando todos estavam saindo do bar para ir para casa, Matheus, chefe direto de Beatriz, que havia se sentido secretamente atraído por ela desde que ela começou a trabalhar no jornal, chamou um carro por aplicativo e se ofereceu para compartilhar a corrida com ela, e prontamente Beatriz aceitou a oferta. No caminho, eles conversaram por um longo tempo, e Matheus perguntou a Beatriz se ela gostaria de tomar mais uma bebida em sua casa, pois ainda era cedo para terminar a noite. Beatriz disse que já havia bebido demais e era melhor ir para casa dormir. Não contente com a resposta, o chefe voltou a questionar Beatriz após chegar em casa, por meio de uma mensagem pelo celular, para saber se ela tinha certeza da decisão, e dizendo que ele poderia até mesmo ir buscá-la em sua casa. Nesse momento, a funcionária já estava extremamente incomodada com a oferta, principalmente por se tratar de seu superior, mas ela não sabia como responder de maneira que o fizesse entender que ela não tinha interesse e, ao mesmo tempo, isso não impactasse a relação deles no ambiente de trabalho. Ela, então, resolveu não responder à mensagem, mas seu chefe começou a ligar para o seu número incansavelmente. Beatriz desligou o celular e foi dormir.

No dia seguinte, Beatriz foi trabalhar com apreensão, pois não sabia como lidaria ao ver seu supervisor. Ela se perguntava se o incidente afetaria seu trabalho. Após Beatriz chegar ao seu local de trabalho, Matheus entrou na sua sala e questionou, de modo muito rude, por que ela não respondeu a suas mensagens. Disse, ainda, que ele era seu supervisor e ela deveria estar sempre disponível para atender suas ligações. Beatriz explicou que caiu no sono ao chegar em casa e não chegou a ler a mensagem ou ouvir as ligações. Percebendo que Beatriz estava incomodada, Matheus lhe pediu desculpas pelo comportamento inapropriado e disse que não queria que ela o interpretasse de maneira errada, e que seria melhor os dois apagarem as mensagens e esquecerem o ocorrido. Beatriz concordou e apagou a mensagem na frente de Matheus, pois ele aguardava.

A redatora ficou aliviada de certa forma, pois imaginou que, desde que Matheus se desculpou, não havia necessidade de insistir no incidente e que aquilo não passara de uma situação isolada, fruto do álcool que Matheus havia ingerido naquela noite, e tudo poderia ficar bem se esquecessem o assunto. Afinal, Beatriz era uma nova funcionária, ainda no processo de aprendizagem, que precisava provar ser uma funcionária competente, enquanto Matheus já trabalhava havia 10 anos no jornal, tinha um cargo de confiança e era admirado por todos.

Mas a situação não acabou por ali. Dias depois, Matheus começou a tocar no assunto novamente, questionando se a redatora não havia se arrependido de não ter aceitado o convite naquela noite ou se ela gostaria de sair novamente com ele, dessa vez a sós, sem a presença dos demais colegas. Na presença de outros colaboradores do jornal, o chefe mantinha a postura exemplar e a tratava com muito respeito, mas se aproveitava dos momentos em que estavam sozinhos para tecer comentários pouco profissionais e piadas de cunho sexual. Um dos mais marcantes foi quando ele chegou a tentar uma aproximação, tocando em seu cabelo, enquanto dizia que ela merecia um homem “bem de vida” e que pudesse lhe dar tudo. Horrorizada, Beatriz o empurrou: “Fiquei incomodada, quase sem reação. Falei que aquilo não era apropriado, que me sentia desconfortável, e que não havia nenhum interesse de minha parte além do trabalho.” Surpreso com a reação, Matheus disse que ela não precisava se preocupar, que ele gostava muito dela e gostaria de conhecê-la melhor: “Ele disse que isso poderia ser muito vantajoso para mim profissionalmente ou poderia significar o fim da minha carreira, e que cabia somente a mim decidir qual caminho seguir”.

Frustrada, Beatriz não sentia confiança em compartilhar o que estava acontecendo com ninguém. Além de retaliações de uma possível demissão, ela temia o julgamento dos outros: “Meu receio é que não acreditem em mim, afinal eu acabo de entrar na empresa e não conheço meus

colegas muito bem. Constantemente, eu ouço pelos corredores conversas e piadas com caráter obsceno e sexual, comentários que os colegas fazem sobre o físico das mulheres da equipe, atribuindo até mesmo notas para nossa aparência. Além disso, é nítido o respeito e admiração que todos têm por ele, ninguém jamais imaginaria que ele é capaz desses abusos”.

Beatriz conta que a situação foi piorando ao longo do tempo. Matheus se sentia cada vez mais confiante em incomodar Beatriz e achava graça quando ela pedia que ele parasse ou ameaçava denunciá-lo: “Sempre que eu cogitava contar a um superior o que acontecia, ele dizia que era apenas uma brincadeira, frisava que ninguém levaria aquilo como assédio, e que, além disso, eu não tinha provas e todos ficariam ao lado dele, pois o conheciam há anos e ele era amigo pessoal dos diretores”.

Esses fatos começaram a afetar o psicológico de Beatriz. Ela vinha sofrendo com insônia, fortes dores de cabeça e não conseguia passar um dia sem tomar remédios para controlar os efeitos do trauma e do medo. O trajeto para o trabalho tornou-se um pesadelo: “A cada passo que me aproximava da empresa, mais eu tremia e ficava sem ar. Por muitas vezes, pensei em compartilhar com algum colega o que estava passando, mas ainda não tinha conseguido. Evito sair da minha mesa sempre que Matheus está por perto e até parei de frequentar almoços ou eventos que a equipe organiza, apenas para não ter que me encontrar com ele”.

Em uma de suas crises de choro por tudo que estava acontecendo, Beatriz cogitou pedir demissão mais do que nunca. Ela já estava passando por isso havia meses e não via outra saída. O problema é que ela se mudou para São Paulo devido ao emprego, morava sozinha e tinha muitas despesas. De maneira alguma poderia ficar desempregada, e o momento não era propício para novas contratações. O mercado estava em recessão, não havia muitas vagas disponíveis, e uma ou outra que encontrava não chegava nem perto do que Beatriz tinha no atual jornal. “Eu amo meu trabalho, sou boa no que faço e tenho aprendido muito no meu emprego, mas ir até a sala dele se transformou em momento de tortura.”

Não só Priscila, mas também seus colegas já haviam percebido que algo estava errado. Era nítido que Beatriz não tinha mais o brilho no olhar e a alegria de quando começou a trabalhar no jornal, e agora as coisas estavam fazendo mais sentido para ela. Ao mesmo tempo que se preocupava com Beatriz, a gerente pensava no escândalo que seria para a empresa e como aquilo poderia destruir a reputação do jornal.

Ao receber todas essas informações e o relato da funcionária, o que deve fazer Priscila no papel de gerente de RH? Como agir para, nesse caso, dar o suporte correto à vítima de assédio? Qual a melhor maneira de reportar a situação aos diretores para uma investigação? E como proceder para que a empresa não tenha sua imagem manchada com a situação, consiga resolver o caso e evitar que novos aconteçam? Afinal, o mesmo poderia estar acontecendo com outras vítimas, que optaram por não denunciar.

Questões para discussão

1. Esse conflito aconteceu de maneira silenciosa entre uma funcionária e seu supervisor, que trabalhavam dentro da mesma empresa. Qual seria a conduta adequada de um profissional de RH ao receber uma denúncia de um caso de assédio?
2. Quais são os possíveis danos para quem sofre assédio moral e sexual? Quais riscos o assédio sexual apresenta para a empresa?
3. Quais políticas de RH você, na figura de administrador, proporia para as organizações como medida de combate ao assédio moral e sexual no trabalho?
4. No caso relatado, Beatriz não tem certeza se deve relatar o que está acontecendo entre ela e seu supervisor. Qual o motivo de, muitas vezes, as pessoas demorarem para compartilhar ou

denunciar um conflito dessa magnitude dentro da empresa? O que a empresa pode fazer para incentivar as pessoas a falarem?